

## RESISTÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÃO NO MANTO DA APRESENTAÇÃO POR ARTHUR BISPO DO ROSARIO<sup>1</sup>

*Resistance and resignification the cloak of appearance by Arthur Bispo of  
Rosario*

Cruz, Etevaldo. Mestrando; Universidade Federal da Bahia  
etevaldoc@ufba.br<sup>2</sup>

### Resumo

A indumentária se impõe como elemento constitutivo dos processos significantes em que estão inscritos os pertencimentos, distinções e acontecimentos da intersubjetividade numa espécie de narrativa poética da existência. Eis o objetivo deste estudo; refletir sobre a dimensão política da indumentária lançando mão da obra Manto da Apresentação de Arthur Bispo do Rosario como lugar do ato de resignificação e resistência.

Palavras-chaves: Manto da Apresentação, Resistência, Bordados, Resignificação.

### Abstract:

*The costume is imposed as a constitutive element of significant processes in which are written the belongings, distinctions and inter-subjectivity of events in a kind of poetic narrative of existence. Here is the objective of this study reflect on the cunning dimension of costume use of the the cloak of appearance the Arthur Bispo of Rosario as place of the act of resistance and resignification .*

*Keywords: cloak of appearance, Resistance, Embroidery, resignification*

### Introdução

Quando nos propomos a refletir sobre a relação entre a moda e a cultura, uma variante de possibilidades nos é apresentada, optamos por uma perspectiva de vertente compreensiva, na qual se encontra inscrito o trabalho de Georg Simmel, sobretudo no que tange às reflexões que envolvem a condição da moda na relação do coletivo e do individual. Esse recorte se impõe como desafio ao passo em que compreende a dimensão de Arthur

---

<sup>1</sup> Optamos por usar o nome *Rosario* sem o acento, seguindo, assim, a mesma opção de Luciana Hidalgo, que usou conforme encontrado na certidão de batistério. (HIDALGO, 1996).

<sup>2</sup> Mestrando do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Email: etevaldoc@ufba.br

Bispo do Rosario (1909-1989) e seu fazer como acontecimento trágico, em que o homem é lançado e se lança a partir do momento que estabelece uma linguagem de pertencimento entre sua intersubjetividade e o mundo que o cerca. A trágica relação entre o sujeito e o objeto, os atravessamentos e afetações que são produzidos nessa dinâmica inter-relacional. Tal perspectiva deve levar em conta o privilégio das significações em detrimento à ideia de uma verdade fundante, essencial ou originária, pois as significações são construídas constantemente nos processos inter-relacionais que caracterizam o fazer humano.

A fórmula da cultura é que as energias anímicas subjetivas alcançam uma forma objetiva, independente do processo de vida criador, e que essa, por sua vez, é reinserida no processo de vida subjetivo de uma maneira que leve o sujeito a uma perfeição acabada de seu ser central.(SIMMEL, 1998, p. 18).

Reivindicamos a indumentária enquanto elemento constitutivo desse processo em que estão inscritos as performatividades, os pertencimentos e distinções, as possibilidades e acontecimentos da intersubjetividade numa espécie de narrativa poética da existência, onde se coadunam as dinâmicas sociais e a dimensão, mesmo que mundana, da subjetividade unívoca do sujeito. Eis o objetivo deste estudo; refletir sobre a dimensão política da indumentária lançando mão da obra *Manto da Apresentação* de Arthur Bispo do Rosario como lugar do ato de ressignificação e resistência.

Arthur Bispo do Rosario é um sergipano de Japaratuba, pequena cidade distante cinquenta e quatro quilômetros de Aracaju. Nasceu em 1909, na pequena Vila, que no século XVI era povoada por seis tribos indígenas, uma delas comandada pelo cacique Yaparatuba.

Esse nome é composto pela junção das palavras tupi *y* (rio), *apara* (volta) e *tuba* (frequência, repetição), e remete à ideia de 'rio de muitas voltas', o Japaratuba que, devido à topografia local, chega ao mar já sem a força das corredeiras, formando meandros, sinuosidades. (DANTAS, 2009, p. 18).

Não por acaso, o local tem a *Festa de Reis* como principal celebração, onde o grande momento é a coroação do rei e da rainha negros, que se apresentam vestidos em mantos majestosamente bordados e com toda exuberância que caracteriza tais personagens. Vinte e um anos após a “abolição” da escravidão “apareceu” Bispo do Rosario, em meio a esse folclore

e tradição, do cerimonial e suas significações – glória, distinção, poder e dignidade, elementos que estarão presentes em suas obras, principalmente no Manto da Apresentação.

O Manto da Apresentação é uma indumentária confeccionada e bordada por Bispo para ser usada no Juízo Final, quando, segundo ele, apresentaria a Deus o resultado de todo inventário do mundo e advogaria em nome de alguns eleitos. Compreendemos o Manto da Apresentação como ponto de confluência de toda obra de Bispo, ponto fixo que reúne o resumo de todo inventário, suas linhas significativas atravessam as demais peças, estabelecendo uma ontologia do conjunto participativo do “todo”, revelando a suspeita de impossibilidade da dimensão significante das demais obras tomadas isoladamente.

Nas vésperas do Natal de 1938, a linha que costurava a tênue cortina da normalidade se rompeu e abriu passagem para que, como bordou<sup>3</sup> Bispo em um de seus estandartes, sete anjos de aura azulada e brilhosa viessem do céu ao seu encontro e lhe convocasse à missão: se apresentar como filho do homem e refazer o mundo para prestar contas a Deus no Juízo Final. Posto entre o fato e o delírio, Arthur Bispo do Rosario foi tragado do seu novo universo mágico e lançado à realidade dos muros do manicômio, onde permaneceu até a sua “passagem” em julho de 1989.

Marta Dantas, na obra *Arthur Bispo do Rosário: A Poética do Delírio* (2009), afirma que todo contexto existencial de Bispo já sinaliza as bases mitopoéticas do “enviado de Deus” e da encarnação do Cristo na Terra, atualizando toda dimensão mnemônica que a potência do bordado produz. Mesmo que as relações de origem e filiação tenham se perdido. Pelo menos nas narrativas de Bispo, as referências se fazem presentes numa operação em que a memória protagoniza uma espécie de ambiência para o fazer artístico e a materialização de seu inventário.

Seria impossível Bispo não trazer junto a si essas sentenças, um dos pressupostos da sua produção artística tem a memória como prévia de suas relações com seu tempo, haja vista ser um interno do hospital psiquiátrico, é

---

<sup>3</sup> Bispo borda a “experiência” que teve do momento de seu encontro com o Sagrado. As palavras estão bordadas num estandarte denominado *Eu Preciso Destas Palavras Escritas*, que também compõe o acervo do Museu. (HIDALGO, 1996).

nessa operação que "ele gravaria de alguma forma a diversidade de bordados, fardões e tecidos das datas festivas." (HIDALGO, 1996, p. 39).

A condição de esquizofrênico-paranoide não anula as experiências anteriores que o indivíduo encarnado, atravessado pelas experiências e atravessamentos existenciais, obteve ao longo de sua trajetória historial. Nesse sentido, adverte Michel Foucault (1975), que a temporalidade é da esfera do fragmento. O que o autor parece intuir é que na experiência individual, na estrutura pessoal, mesmo que dispersa, está localizada a possibilidade de produção da subjetividade e a performatividade do fazer. Nise da Silveira, por seu turno, ao analisar a produção de arte dos pacientes em suas diversas cartas, dialogando com Jung, destaca essa abordagem numa perspectiva mais ampla:

Os conflitos pessoais do artista, sua problemática emocional, não são decisivos para o conhecimento de sua obra. Lançarão luz sobre um ou outro detalhe, sobre a atração para este ou aquele tema. A autêntica obra de arte, porém, é uma "produção impessoal". O artista é "um homem coletivo que exprime a alma inconsciente e ativa da humanidade". (JUNG *apud* SILVEIRA, 1981, p. 148).

A criação de Bispo resulta numa linguagem que exprime, por meio de imagens, a contextualização de uma época, e transcende as questões específicas do indivíduo, enquanto sujeito fechado em si mesmo. A desafiadora "feitura" da obra de Bispo reside também em sua capacidade de descolamento, inclusive de linguagem e percepção do mundo, na medida em que desafia as fronteiras das significações dos objetos impondo novas perspectivas fenomênicas das peças que, no complexo ajuntamento do inventário, fundam novas percepções sobre os objetos que povoam nosso universo social; botas são agora transformadas em jarros, colheres em firmamentos imaginários, camisas puídas em fardões majestosos que sinalizam uma suspeita; as fronteiras da linguagem e da percepção de mundo foram tomadas de sobressalto pela cavalaria da poética libertária do "operário da passagem".

#### **A Arte do vestir: Políticas do bordado**

Bispo inaugura e demarca seu lugar de fala em duas dimensões que se sobrepõem numa completude, isto é, a linguagem bordada, recriada e colecionada em categorias definidas, e também no corpo, pois para o artista, o

acontecimento “mitopoético” e “encarnado” dar-se-á com o Manto; portanto, é corpo, intersubjetividade e Manto num mesmo tempo e espaço. O Manto da Apresentação sobre o corpo de Arthur Bispo do Rosario, vestimenta que era a materialização da diferenciação e da afirmação da subjetividade, lugar habitado e protegido pelo “Senhor do Labirinto”. Aqui, evocamos Paul Zumthor (2007), eis a performance do corpo; é no corpo que essa poética se exprime, ponto de partida e de origem da narrativa que se faz discursiva, é no corpo que as medidas e dimensões do mundo são dadas.

O corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso. O corpo dá a medida e as dimensões do mundo; o que é verdade na ordem lingüística, na qual, segundo o uso universal das línguas, os eixos espaciais direita/esquerda, alto/baixo e outros são apenas projeção do corpo sobre o cosmo. É por isto que o texto poético significa o mundo. É pelo corpo que o sentido é aí percebido. (ZUMTHOR, 2007, p. 78).

No que tange à indumentária enquanto espaço de significação e demarcação da diferença, é pertinente afirmar que os significados, a tessitura e os entremeados que constituem essas escolhas legitimam um sujeito sempre na movência, imerso num contínuo devir, onde o vestuário externa uma intersubjetividade. É no vestir, também, que o homem exprime sua atividade significativa e nesse sentido, portar uma roupa é em si um ato significativo que ultrapassa as fronteiras da funcionalidade, ou seja, do pudor, da proteção e do adorno. ‘Se vestir é um ato de significação e, portanto, um ato profundamente social instalado no coração mesmo da dialética das sociedades’ (BARTHES *apud* CIDREIRA, 2005, p. 95). Por seu turno, Barnard (2003, p. 24) diz que: ‘a moda e a indumentária podem ser as formas mais significativas pelas quais são construídas, experimentadas e compreendidas as relações sociais entre as pessoas’. No caso de Bispo do Rosario, o Manto da Apresentação tem essa potência. É no vestuário que isso se exprime de forma mais evidente, as roupas representam esses anseios de liberdade interna e diferenciação.

Partindo da premissa de que o vestuário não somente exprime, como também compõe as identidades, a forma de vestir é uma forma de expressão, uma manifestação particular. Nas palavras de Cidreira, ‘(...) pela visualidade da composição da aparência, através da vestimenta, acessórios, maquiagem, cabelo etc., ou seja, tudo aquilo que compõe uma aparição do ser, o ser se faz

ver' (CIDREIRA, 2010, p. 244). Assim, podemos dizer, juntamente com a autora, que a aparência corporal presentifica certos pertencimentos e determinadas adesões. Como bem observou Merleau-Ponty (1983), a evidência sensível da pessoa é sua atitude corporal, seu modo de estar no mundo.

No universo do Bispo, a indumentária se inscreve numa complexa conjuntura interpretativa e significativa, mas optamos por uma abordagem, dentre várias possíveis, tomando como pressuposto o fato de que através da vestimenta e sua apropriação no corpo, isto é, o corpo que porta a roupa, o reconhecimento do outro se efetiva, plasmando a condição de sociabilidade e de engendramento da sua ressignificação, tendo em vista o papel político da indumentária como lugar possível de contestação e desafio. 'É uma instância imaginária e mítica na medida em que revela uma relação entre o indivíduo e o mundo, entre o indivíduo e os outros e entre o indivíduo e a sociedade.' (CIDREIRA, 2005, p. 111). É, também, a forma com que o indivíduo concebe os sentidos do mundo, um elemento de comunicação que rompe as fronteiras da morfologia do corpo, 'se a imagem é primeiramente morfológica, a segunda, histórica e culturalmente integrante do corpo, é a roupa' (GIRARD *apud* CIDREIRA, 2005, p. 116).

Diante do inventário que compõe a obra de Bispo e suas narrativas poéticas de ressignificação, destacamos a produção da indumentária, por compreendermos que na formatividade das peças, com destaque para o Manto da Apresentação, está engendrada uma postura de resistência e de tangenciamento, vez que a roupa se impõe como estatuto político/social e sua criação. Além de operar a desconstrução do discurso da psiquiatria, representado simbolicamente pela farda do interno, inaugura uma narrativa de experiência estética própria e mantém uma relação singular com a memória.

Enquanto ponto fixo, será com ele que a apresentação se completará solenemente. Esse ponto reafirma a potência da indumentária como estratégia de resistência que salta a realidade fenomênica. Engendrada na condição de resistência do Manto da Apresentação, outra dimensão que compõe essa tessitura é sua potência interpretativa do mundo. Vestida, a indumentária coparticipa da percepção do mundo. Quando Bispo veste o Manto, ele desloca

seu ponto fixo e o fenômeno do mundo para compor o Manto também, revelando uma possibilidade sensorial da peça, fazendo dele um eixo que relaciona o seu mundo; enquanto local imaginário de construção, o mundo circundante onde o corpo se impõe como lugar da experiência e as inter-relações afetivas numa mesma temporalidade.

Ainda refletindo com Cidreira (2013) sobre o campo sensorial da indumentária, e tendo o Manto como objeto referencial, afirmamos que essa dimensão sensorial da relação corpo e tecido se reveste em outro sentido, na medida em que seu elemento constitutivo sofreu outra ressignificação, ou seja, da junção de dois cobertores fez-se o Manto. Mais uma vez, deslocamento de significado e reinterpretação do material, que agora aponta para outra sensação, transcendente ao cutâneo. O seu aparecimento como um todo, no corpo do Bispo, antecipa outra e complexa relação que diz respeito à força visual da peça. O corte, o bordado, as cordas e dragonas são potencializadas pelo seu colorido.

Presentes no nosso imaginário, essas simbologias se reforçam e, de algum modo, são muitas vezes acolhidas no nosso corpo, e exteriorizam esses sentidos, bem como outros possíveis. De todo modo, ressaltamos essa capacidade significativa e afetiva das cores que vestem a nossa primeira pele. (CIDREIRA, 2013, p. 5).

A predominância do vermelho, e aqui isso tem uma conotação significativa em nossa cultura, está engendrado de pelo menos duas facetas; uma delas tem a concepção do vermelho e sua imposição suprema incontestável associada ao poder, seja ele na religião ou na guerra, a majestade da cor vermelha é em si mesmo. A distinção, uma demarcação visual e sensorial. Mesmo revestido também, com uma significação negativa; como por exemplo, a associação ao fogo do inferno, ao perigo, a dor, ainda assim, é distinção. Outra faceta do vermelho e sua significação para nossa cultura ocidental tem a ver com o martírio dos santos na Igreja Católica. Para o Cristianismo Católico, por exemplo, a indumentária significante dos mártires é vermelha, o fenômeno do sofrimento no corpo, o suplício e, por fim, a glória daqueles que não renunciaram a sua fé, simbolizada na cor vermelha. Considerando a sentença religiosa que envolve Bispo do Rosario, não nos furtamos de identificar no Manto essa “metafísica da dor e glória”. Nesse

aspecto, poderíamos dizer que nele estaria prefigurada a atualização da redenção humana e sua condição barroca.

Ainda sobre a indumentária e sua importância no universo do Bispo, Paulo Herkenhoff, no *Glossário dos Sentidos* (2008), catálogo da exposição *Poética da Percepção*, mais especificamente no verbete *Carne*, afirma que a obstinação de Bispo em bordar, desafiando no desfiar da farda e construindo outras modalidades para cobrir a pele, propunha estratégias de intervenção diferentes da praticada pela psiquiatria:

A obstinação severa de Arthur Bispo do Rosário em realizar sua obra em um hospital psiquiátrico é singular. Parte de seus bordados e objetos tomava forma através de linha desfiada de seu uniforme azul dos internos psiquiátricos da Colônia Juliano Moreira (...). Contra a intervenção na carne, Bispo do Rosário propôs a substituição pelo verbo bordado ou escrito, pela imagem, pela coisa, pelo fazer incessante. Produzir era guiar-se, não apenas em resposta à loucura, mas contra a instituição psiquiátrica. (HERKENHOFF, 2008, p. 52).

No ato de desfiar o uniforme para reconstruir suas peças bordadas, nas entrelinhas da ação, Bispo abre fissuras na estrutura do discurso/prática psiquiátrico, causando uma espécie de fratura. Mas não significa uma subversão rebelde, poderíamos considerar o que Gilles Deleuze (1998) chama de linha de fuga, ou seja, Bispo, num movimento muito próprio, buscando uma fuga pela arte, bordou e traçou as linhas de seu mundo imaginário.

A Dimensão mnemônica da indumentária desvela os nossos atravessamentos experienciais da existência. Nessa ruptura fenomênica, nosso ser se com-porta – comporta no sentido de portar junto e ser portado também – uma troca complacente entre o tecido e a pele, o corpo se molda ao corte e as dobras do tecido aos poucos se ajustam à espacialidade do corpo, pura cumplicidade. Na indumentária, o tempo é desafiado pelo elemento significativo, como se o corte, o bordado, a costura aprisionassem algo que a memória nos trouxe. ‘E esse acolhimento faz com que elas tenham a capacidade de presentificar uma ausência, daí sua dimensão imaginária e afetiva. E também a sua relação com a memória.’(CIDREIRA, 2013, p. 6). No Manto, Bispo tensiona suas recordações, o imaginário, a resistência, que na plástica aparição colorida já se descola do universo cinzento do hospício, além da relação com o outro e os elementos à sua disposição. “Nas vestes, nas suas

imagens, cheiros, texturas, podemos reconstituir identidades, ainda que fragmentárias, flexíveis, distantes...” (CIDREIRA, 2013, p. 6).

Na esteira da dimensão significativa da indumentária e sua relação de poder, lançamos mão das reflexões de Mara Rúbia Sant’anna, no livro *Teoria de Moda* (2007), especificamente no capítulo que trata da aparência como poder, poder da aparência. A autora reacende o debate sobre a dimensão simbólica da aparência, no que diz respeito ao poder que é plasmado, simbolicamente, na aparência. Para isso, recorre às contribuições de George Balandier, sobretudo no que tange à representação do poder. Esclarecemos, contudo, que optaremos pelo conceito de performatividade da indumentária, pois o mesmo parece atender mais aos anseios do tema ora tratado. Balandier (*apud* SANT’ANNA, 2007, p. 37) afirma que “todo poder requer uma representação, um *decorum*, um cerimonial e suas pompas, uma distância em relação aos súditos,” para assim se efetivar enquanto acontecimento.

### **Considerações Finais**

A aparência enquanto acontecimento do poder deve se estabelecer na erupção de uma novidade resultante da dinâmica inter-relacional, uma constituição na qual, no seu cerne, reside a poética da aparência, uma reivindicação pela individualização. Portanto, a relação da aparência está intimamente ligada ao exercício do poder. A indumentária, então, se impõe como esse elemento significativo do poder. Se a indumentária e a aparência se configuram como elementos comunicacionais, essa possibilidade de estabelecimento de linguagens só é possível quando mergulhadas nas relações de poder e resistência.

Esse é o papel político da Indumentária, um meio pelo qual identidades e posições de gênero e classe podem ser contestadas e desafiadas. A força política de resistência que identificamos no Manto da Apresentação de Bispo do Rosario se impõe como elemento resultante do tensionamento que mistura as inter-relações, ou seja, poder e resistência como forças intra-relacionais.

O ponto nodal desse movimento pode ser definido a partir do deslocamento da materialidade empírica da peça, o cobertor ressignificado,

para sua dimensão metafísica que aponta para o inefável, um jogo complacente entre dois mundos; das coisas inúteis que retomam a cena com outros significantes e o mundo imaginário de Bispo onde a perfeição é prefigurada nos bordados do Manto.

Nesse aspecto, intuímos que a construção dessa nova mundaneidade, engrenagem imaginária do artista que estabelece uma relação simbiótica com a peça já tem a sua condição originária no primeiro bordado, ou seja, no primeiro instante que a linha azul toca o tecido velho e rasgado, a mão, o olhar e o rasgo no tempo impenetrável, ambientado na cela do hospício se impõem como poéticas da existência. A feitura do Manto redesenha a labirinto bispiano na medida em que, cada nó é uma dobra da esquina, o elemento está dado aos olhos, o sentido da peça está despojado à vontade de quem se predispõe a caminhar junto com o artista, “Mas pra quem enxerga. Pra quem não enxerga não da pé.”

## Referências

BARNARD, Malcolm. *Moda e comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CIDREIRA, P. Renata. A dimensão afetiva da vestimenta. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/9-coloquio-de-moda-apresentacao.php>>. Acesso em 10 de abril de 2015.

\_\_\_\_\_. A Moda Como expressão Cultural e Pessoal in: *Iara Revista de Moda, Cultura e Arte*. São Paulo: SENAC V.3 N°3 dez. 2010, p.228-245.

\_\_\_\_\_. *Os sentidos da moda*. São Paulo: Annablume, 2005.

DANTAS, Marta. *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro, tempo Brasileiro. 1975.

HERKENHOFF, Paulo. *Poética da Percepção: questões da fenomenologia na arte brasileira*. Rio de Janeiro: MAM, 2008.

HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro-RJ: Rocco, 1996.

SANT'ANNA, Rúbia Mara. *Teoria da Moda: Sociedade, Imagem e Consumo*. Barueri-SP: Estação das Letras Editora, 2007.

SILVEIRA, da Nise. *Jung: vida e obra*. 7ªed. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1981.

*11º Colóquio de Moda – 8ª Edição Internacional*  
*2º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda 2015*

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. Simmel e a modernidade. Brasília, UnB. 1998.

ZUMTHOR, Paul, Performance Recepção Leitura, São Paulo: Cosac & Naify, 2007.